

MOULES AVEC FRITES

Carlos Coelho



“VAMOS ESQUECER A EUROPA?”

Nas últimas eleições europeias (2019) mais de 50% dos cidadãos europeus foram às urnas. Em Portugal, porém, foi cerca de metade desse valor: só 30% dos portugueses votaram. A ideia que somos menos europeus que os outros não é compatível com os dados do Eurobarómetro que todos os semestres elegem os portugueses como os mais empenhados na construção europeia. No próximo ano corremos o risco de agravar o problema. A realização das eleições, 3 meses após as eleições legislativas pode acentuar esta abstenção. Os eleitores que acabam por votar nas europeias para dar um “cartão amarelo” ao governo nacional não terão esse estímulo face a um executivo que acabou de tomar posse.

O provável e preocupante aumento da abstenção não ilude, porém, a crescente importância da União Europeia para o nosso futuro colectivo.

Acredito firmemente que a UE precisa de reforçar a sua capacidade e legitimidade para assumir e aplicar decisões em mais domínios. Ao contrário dos que querem menos Europa, creio que precisamos, isso sim, de mais e melhor Europa. Na saúde aprendemos com as respostas ao Covid que a UE pode e deve ser uma mais-valia; na defesa e segurança assistimos a uma mudança na percepção da urgência de uma política europeia depois da invasão da Ucrânia pela Rússia e a habitação é um exemplo actual de um problema que se manifesta (embora com diferentes matizes) em todos os Estados-Membros. Nestas como noutras matérias devemos ter mais Europa e respostas inovadoras. Não podemos estar permanentemente condenados a reagir com soluções de emergência às crises que nos surpreendem. As abordagens ad hoc podem ter sido justificadas pela urgência de uma resposta rápida, mas a UE deve aprender com as boas e más práticas e tirar conclusões para o futuro.

É também essencial não reduzir o esforço para a transição ambiental e digital e reforçar a proteção do Estado de Direito, dos seus valores fundamentais e da legitimidade democrática na UE,

não ficando reféns nem de Estados terceiros, nem de Estados-Membros que não cumpram os valores fundamentais da União. E devemos ter respostas claras sobre o problema das migrações, a natureza das nossas fronteiras, o princípio da livre circulação de pessoas, o aumento dos recursos próprios e o Orçamento da União de forma a não colocar em causa o objectivo da coesão económica, social e territorial. Devemos ainda tornar as instituições da UE prontas para o alargamento, mesmo que este seja substancialmente adiado.

Estes desafios não impactam apenas o futuro interno na UE. As decisões tomadas durante o próximo mandato vão definir a estratégia da União ao enfrentar questões globais durante décadas, consolidando (ou não) a posição da UE como ator responsável e comprometido no palco internacional.

Por isso 2024 não será apenas crucial para mudar a política interna e dar um melhor Governo a Portugal. É fundamental que os 21 Deputados que vamos eleger em Junho ajudem a construir uma Europa mais resiliente, inclusiva e orientada para o futuro e não utilizem Bruxelas e Estrasburgo para erodir o projecto europeu e dar palco a discursos radicais.

É importante que em 2024 não esqueçamos a Europa. Uma Europa que não é apenas das mercadorias, dos serviços e dos capitais mas que tem de ser das pessoas, dos cidadãos!